



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA - UEPB
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E AGRÁRIAS - CCHA
DEPARTAMENTO DE LETRAS E HUMANIDADES - DLH
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS

JUSSARA NUNES DE SOUSA

**A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA: UM ESTUDO NA COMUNIDADE
REMANESCENTE QUILOMBOLA DE CONTENDAS EM SÃO BENTO NO
SERTÃO PARAIBANO**

CATOLÉ DO ROCHA

2023

JUSSARA NUNES DE SOUSA

**A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA: UM ESTUDO NA COMUNIDADE
REMANESCENTE QUILOMBOLA DE CONTENDAS EM SÃO BENTO NO
SERTÃO PARAIBANO**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao Departamento de Letras e Humanidades da Universidade Estadual da Paraíba, como um dos requisitos para obtenção do grau em Licenciatura Plena em Letras.

ORIENTADORA: Profa. Ma. Keila Lairiny Câmara Xavier

CATOLÉ DO ROCHA

2023

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S725v Sousa, Jussara Nunes de.

A variação linguística: um estudo na comunidade remanescente quilombola de Contendas em São Bento no sertão paraibano [manuscrito] / Jussara Nunes de Sousa. - 2023.

53 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Agrárias, 2023.

"Orientação : Profa. Dra. Keila Lairiny Câmara Xavier ,
Coordenação do Curso de Letras - CCHA. "

1. Língua. 2. Comunidade Quilombola. 3. Variação
Linguística. I. Título

21. ed. CDD 410.41

Elaborada por Kelly C. de Sousa - CRB - 15/788 BSC4/UEPB

JUSSARA NUNES DE SOUSA

**A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA: UM ESTUDO NA COMUNIDADE
REMANESCENTE QUILOMBOLA DE CONTENDAS EM SÃO BENTO NO
SERTÃO PARAIBANO**

Aprovada em 28/11/2023.

BANCA EXAMINADORA

Keila Lairiny Câmara Xavier.

Orientadora: Profa. Ma. Keila Lairiny Câmara Xavier
UEPB - CCHA/DLH

Jeferson Silva da Cruz

Examinador: Prof. Esp. Jeferson Silva da Cruz
UEPB - CCHA/DLH

Rômulo César Araújo Lima

Examinador: Prof. Me. Rômulo César Araújo Lima
UEPB - CCHA/DLH

Dedico este estudo a minha família, que no decorrer dos últimos cinco anos não mediram esforços para que eu chegasse até aqui. Em especial, ao povo da Comunidade Contendas, essa conquista é nossa.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, por ser fonte inesgotável de força, fé e coragem, sem o seu cuidado eu não teria chegado até aqui.

Agradeço à minha família, por ser minha base, por sonhar junto comigo, pelo apoio e empenho em me ajudar a tornar esse sonho realidade.

Agradeço aos meus irmãos, pelos conselhos e incentivos durante minha jornada acadêmica.

Agradeço à minha orientadora, Keila Lairiny, pelo empenho, dedicação e paciência durante essa pesquisa.

Agradeço aos membros da banca examinadora, por gentilmente, aceitarem o convite para participar.

Agradeço aos professores do curso de Letras da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, *campus* IV, por contribuírem de forma significativa na minha formação.

Agradeço aos meus colegas de graduação, pelo companheirismo no decorrer dos últimos cinco anos e pelos momentos compartilhados.

Agradeço aos meus amigos, pela cumplicidade, pelos momentos de alegria e tristeza, e, sobretudo, por tornarem essa caminhada mais leve.

Agradeço à minha comunidade, essa conquista é nossa.

Conhecer a história da língua, a tradição gramatical, a riqueza do nosso vocabulário, a beleza da nossa literatura oral e escrita, o potencial da nossa linguagem – tudo isso é muito bom, é precioso e deve ser cultivado.

(Marcos Bagno, 2009, p. 29).

RESUMO

As comunidades tradicionais são parte constituinte do Brasil, lutam diariamente, para alcançar e manter um lugar de representatividade social no país, bem como enfrentar as diversas questões sociais que afetam diretamente na realidade desses povos. Nesse sentido, com fundamento na teoria Linguística de Ferdinand de Saussure até a chegada da Sociolinguística Variacionista de William Labov, buscamos conhecer os saberes e fazeres de um povo que possui uma cultura singular, bem como compreender como os remanescentes de quilombola, da Comunidade Contendas, no município de São Bento (PB), preservam a cultura e quais as possíveis contribuições e peculiaridades, no uso linguístico dos falantes que nela residem, visto que as narrativas orais são marcas linguísticas de resistência desses povos. Para melhor entendermos a cultura da comunidade, é importante a interação entre os moradores, conhecer os relatos de suas vivências, para que, a partir disso, tenhamos um conhecimento profundo da história desses povos. Para isso, utiliza-se uma pesquisa de natureza qualitativa, com embasamento teórico de alguns autores como Marcos Bagno (2015), Irlandé Antunes (2003), Luiz Carlos Travaglia (2009). O instrumento para coleta de dados, foi a entrevista semiestruturada, utilizada com três colaboradores da Comunidade Quilombola Contendas. Os resultados da pesquisam apontam que os moradores da comunidade fazem o possível para manter a história da comunidade, desde o processo de formação, ainda possuem costumes peculiares da cultura quilombola, dialetos comuns, transmitem a história da comunidade de geração a geração, possuem linguagem simples, que contribui para a valorização sociocultural de Contendas. Além disso, é evidente as marcas de preconceitos linguísticos e raciais constatadas ao longo das entrevistas. No mais, essa pesquisa justifica-se como uma possibilidade de rememorar, registrar e potencializar a divulgação da história desse povo, valorizando seus conhecimentos, práticas sociais e, sobretudo, sua cultura.

PALAVRAS-CHAVE: Língua. Comunidade Quilombola. Variação Linguística.

ABSTRACT

Traditional communities are a constituent part of Brazil. They struggle daily to achieve and maintain a place of social representation in the country, as well as to tackle the various social issues that directly affect the reality of these peoples. In this sense, based on the linguistic theory of Ferdinand de Saussure until the arrival of sociolinguistics, we sought to learn about the knowledge and actions of a people who have a unique culture, as well as to understand how the quilombola remnants of the Contendas Community in the municipality of São Bento/PB preserve their culture and what the possible contributions and peculiarities are in the linguistic use of the speakers who live there, given that oral narratives are linguistic marks of resistance of these peoples. In order to better understand the culture of the community, it is important to interact with the residents and learn about their experiences, so that we can gain an in-depth understanding of the history of these peoples. To do this, we used qualitative research, with a theoretical basis in authors such as Marcos Bagno (2015), Irandé Antunes (2003) and Luiz Carlos Travaglia (2009). The instrument used to collect data was a semi-structured interview with three members of the Contendas Quilombola Community. The results of the research show that the community's residents do their best to maintain the community's history since its formation, and that they still have customs that are peculiar to Quilombola culture.

KEY-WORDS: Language. Quilombola Community. Linguistic Variation.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 01	Igreja Nossa Senhora do Perpétuo Socorro	30
FIGURA 02	Dona Juliana debulhando feijão	34
FIGURA 03	Dona Juliana	35
FIGURA 04	Comunidade Quilombola Contendas	36
FIGURA 05	Grupo escolar antes da reforma (à direita)	37
FIGURA 06	Cotidiano Quilombola	40

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	15
2.1	DEMARCANDO A SOCIOLINGUÍSTICA: REFLEXÕES NECESSÁRIAS	15
2.2	NOÇÃO DE LINGUAGEM E LÍNGUA	18
2.3	O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA NA EDUCAÇÃO BÁSICA	20
2.4	DIFERENÇA DE LINGUAGEM E O PRECONCEITO LINGUÍSTICO	24
3	A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NAS NARRATIVAS QUILOMBOLAS	28
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	42
	REFERÊNCIAS	44
	APÊNDICES	45
	ANEXOS	51

1 INTRODUÇÃO

O Brasil é composto por povos que possuem diferentes costumes e pertencem a distintas culturas e etnias, por isso, é considerado um país dono de uma miscigenação grande e rica. É evidente que esses costumes e culturas apresentam variações de uma região para outra, sobretudo, pensando na dimensão geográfica do Brasil e no seu processo de formação baseado na miscigenação, oriunda do contato do índio, do africano e do europeu.

Nessa perspectiva, o Brasil possui grandes e importantes bases de formação cultural, dentre elas, destacamos os povos remanescentes quilombolas que, geralmente, vivem em comunidades rurais - Quilombos, formados por pessoas que são descendentes de escravos. Segundo o IBGE (2019), existem cerca de 5.592 localidades quilombolas no território brasileiro. Por exemplo, o estado da Paraíba, atualmente, totaliza 39 comunidades quilombolas que já foram reconhecidas pela Fundação Cultural Palmares¹.

A comunidade Quilombola Contendas, localizada na zona rural do município de São Bento (PB)², é um remanescente de quilombo que obteve o reconhecimento pela Fundação Cultural Palmares, no ano de 2006. Embora tenha sido muito povoada, os moradores, aos poucos, deixaram a comunidade em busca de melhores condições nas cidades, de modo que, atualmente, é composta por 10 famílias. Apesar de ser relativamente pequena, Contendas é simples, acolhedora e possui uma história singular e, acima de tudo, conserva os saberes e fazeres do seu povo, bem como o modo de falar. Com isso, percebe-se que o português brasileiro possui diversas variantes linguísticas.

Por isso, este trabalho tem como tema: A variação linguística: um estudo na comunidade remanescente quilombola de Contendas em São Bento, no Sertão Paraibano, circunscreve-se dentro de uma pesquisa de graduação em Letras – Língua Portuguesa. O principal questionamento é: Como acontece a variação linguística na comunidade remanescente quilombola de Contendas/PB.

Nesse sentido, os remanescentes quilombola são comunidades que possuem uma história rica em cultura e saberes. Por isso, vale ressaltar a importância da transmissão desses

¹ A Fundação Cultural Palmares – FCP, no cumprimento de sua missão institucional de promover e preservar a cultura afro-brasileira, busca o fortalecimento de políticas públicas voltadas à cultura negra de forma a contribuir para a construção e implementação de medidas efetivas para um país mais justo e com igualdade de oportunidades para todos. Por meio de suas ações afirmativas busca retirar da invisibilidade a cultura negra, formadora da identidade nacional, e eliminar as desigualdades históricas e as discriminações raciais, étnicas, culturais e religiosas do povo negro.

² Destacamos que essa comunidade constitui o corpus analítico dessa pesquisa.

conhecimentos, principalmente, de geração em geração, visam enaltecer e manter a identidade histórica, social e cultural de um povo. Assim, justifica-se a importância dessa pesquisa de colocar em discussão um assunto relativo as variações linguísticas e ao resgate da história e cultura das comunidades remanescentes de quilombola. É possível, também, destacar a relevância de conhecer as narrativas orais que estão diretamente relacionadas aos locais de refúgio dos povos tradicionais que, durante muito tempo, foram proibidos de falarem a própria língua. A escolha pela questão principal da presente pesquisa, tem grande importância não só para a linguística, como também para as questões étnico-raciais.

Pessoalmente, o vetor impulsionador para o desenvolvimento dessa pesquisa, é o fato de ser descendente de quilombola e moradora da comunidade a ser estudada. Atualmente, a única jovem da comunidade dentro da universidade, cursando licenciatura em Letras, isso serve de motivação para que a história dos antepassados seja divulgada e que sirva de incentivo para jovens quilombolas que sonham em ingressar no ensino superior e usar esse espaço para explicar o histórico de luta e resistência do seu povo. Além disso, como integrante do quilombo, é possível perceber as dificuldades e preconceitos que ainda existem, sejam raciais ou linguísticos. Assim como as minorias, os remanescentes de quilombolas lutam, até hoje, para enfrentar discriminações e manter sua representatividade social.

Espera-se que a presente pesquisa possa contribuir, academicamente e profissionalmente, como fonte de informação e divulgação da história de um povo muito importante do Brasil. Além disso, vale ressaltar que estudar sobre as comunidades quilombolas do país, não se limita apenas a história, mas também ao processo de formação do Brasil, suas diferentes culturas e variações linguísticas. Ademais, é importante lembrar que essa pesquisa pode contribuir com a educação básica, como uma forma de incentivar possíveis diálogos sobre o tema e, também, expandir as perspectivas dos discentes sobre esse assunto pouco debatido, mas que são pertinentes. Assim, novas pesquisas poderão ser apontadas, bem como o surgimento de novas reflexões sobre o tema abordado.

Nesse sentido, o objetivo geral dessa pesquisa é analisar a variação linguística na comunidade remanescente quilombola de Contendas, em São Bento (PB). Especificamente, buscamos: (i) Identificar diferentes elementos linguísticos no cotidiano dos moradores da comunidade; (ii) Descrever os saberes e fazeres quilombolas da comunidade e suas possíveis contribuições para a valorização linguística e cultural.

O trabalho de pesquisa teve como base as obras de alguns teóricos, como Marcos Bagno (2015), Antunes (2003) e Travaglia (2009), que são autores importantes e discutem

temas de grande relevância, não só para o desenvolvimento desse trabalho, como também, para a educação.

A metodologia utilizada nesse trabalho baseia-se na pesquisa qualitativa. As histórias de vida a serem recolhidas, seguirão alguns critérios: pessoas que residem no campo de estudo, se auto reconhecem como remanescentes de quilombola e que possuam idade acima de 50 (cinquenta) anos. Além disso, utilizamos como instrumento a entrevista semiestruturada, visando conhecer as experiências dos moradores e facilitar a condução dos diálogos.

No que se refere a explanação do tema, o trabalho está estruturado em capítulos. Primeiramente, foi apresentada esta introdução; no capítulo 2, discorremos sobre as teorias utilizadas como base nessa pesquisa, na oportunidade, destacamos 3 pontos para iniciar, são: Demarcando a Sociolinguística: reflexões necessárias; noção de linguagem e língua; diferença de linguagem e língua. No capítulo 3, analisamos os dados da pesquisa; por fim, apresentamos as considerações finais.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Para desenvolvermos essa pesquisa, consideramos importante discorrer sobre os pressupostos da linguística até perpassarmos pela Sociolinguística, bem como, apontar os principais teóricos. Além disso, de forma concisa, apontamos as noções sobre língua e linguagem, discorremos sobre o ensino de língua portuguesa na Educação Básica, apontamos a diferença de linguagem e o preconceito linguístico e, posteriormente, apresentamos um relato sobre cultura e identidade, através da narrativa quilombola, tais assuntos são bastante pertinentes para o desenvolvimento deste trabalho.

2.1 DEMARCANDO A SOCIOLINGUÍSTICA: REFLEXÕES NECESSÁRIAS

Inicialmente, para entendermos melhor o campo de estudo da sociolinguística, é necessário fazermos um percurso histórico, para que consigamos delimitar o surgimento dos estudos que perpassam essa área de estudo no Brasil. Além disso, apontar os principais teóricos e suas respectivas obras, bem como a relevância e as contribuições. Por isso, para chegar de fato na Sociolinguística, é importante, antes, apontar os estudos da linguagem no século XX, bem como os principais teóricos da área.

Nesse contexto, destacamos, de início, Ferdinand de Saussure, um filósofo suíço e um dos teóricos mais estudados da área da linguística, com a obra *Curso de Linguística Geral*, publicado em 1916. Através dessa obra, o autor definiu seu objeto de estudo, de modo que sua corrente linguística, é denominada **Estruturalismo**. Nessa corrente de estudo, a língua é separada de fatores externos e vista como uma estrutura autônoma. Para Saussure (1916), a linguagem é um sistema de signos, que tem denominação de **Semiologia**, ou seja, baseia-se na divisão de significante, que dá ênfase ao som da língua e significado, que é basicamente o conteúdo em si. No que se refere ao conceito de língua e fala, o teórico considera a homogeneidade da língua, destacando que é diferente socialmente, mas que temos divergência como falantes, seja no sotaque ou significados. Embora falemos a mesma língua, há diferenças em relação ao contexto que pertencemos.

Nos Estados Unidos, a partir da década de 1960, o americano Noam Chomsky se destacou com sua teoria denominada **Gerativismo**. Nela, é abordada a construção da linguagem, o teórico baseia-se numa visão mais geral da língua. Para Chomsky (1965), o ser humano tem sua capacidade linguística em si, ou seja, a linguagem vem antes do idioma, é

basicamente intrínseca no ser humano. Como vimos, ambas as teorias citadas anteriormente, se concentram sobretudo na língua.

Após esta breve contextualização sobre os pressupostos teóricos da linguagem no XX, faremos não só um percurso histórico da Sociolinguística, como também utilizaremos a teoria Laboviana, como aporte teórico para o desenvolvimento dessa pesquisa. Essa teoria teve seu pontapé inicial, aproximadamente na década de 1960. Assim, para darmos continuidade ao desenvolvimento desta pesquisa, é importante deixar claro que teoria é essa. A Sociolinguística é uma das subáreas da linguística, tendo como objetivo o estudo social dentro da linguística, ou melhor:

A Sociolinguística é uma das subáreas da Linguística e estuda a língua no seio das comunidades de fala, voltando a atenção para um tipo de investigação que correlaciona aspectos linguísticos e sociais. Esta ciência se faz presente num espaço interdisciplinar, na fronteira entre língua e sociedade, focalizando precipuamente os empregos linguísticos concretos, em especial os de caráter heterogêneo (Mollica, 2021, p.09).

Considerado o fundador da Sociolinguística Variacionista, William Labov (2006), é um Linguista americano que defende a variação da língua como um processo natural e que a linguagem social é inerente a linguística. Diferentemente de Saussure e Chomsky, Labov acredita que a Língua muda de acordo com a sociedade, assim, o autor considera a heterogeneidade da língua. Alguns fatores que influenciam e contribuem para a teoria, pesquisa e metodologia Laboviana são: idade, sexo, grau de escolaridade, contexto social e mudanças recorrentes da sociedade. Assim,

Labov queria conhecer a língua em sua realidade social para capturar o que mais lhe interessava: a **variação**. Ao invés de descartar os usos variáveis como **epifenômenos**, ou seja, como ocorrências acidentais, acessórias, que não alteravam a configuração do sistema da língua, Labov queria demonstrar que a variação era constitutiva do próprio sistema e, principalmente, que era o motor social da mudança das línguas (Bagno, 2012 p. 103, grifos do autor).

Ademais, podemos destacar outro fator que tornou a teoria laboviana peculiar e imprescindível para estudos linguísticos, a metodologia utilizada na coleta de dados. A forma como Labov (2006) conduzia as entrevistas e recolhia dados, foi algo inovador, prático e eficaz, elaborou a entrevista sociolinguística, o que só foi possível através do gravador portátil, que era comum na época em questão. Labov (2006) utilizava variadas táticas para executar as entrevistas, a mais importante era recolher os dados por meio da fala espontânea, em conversas corriqueiras que deixassem o entrevistado a vontade para falar sobre suas

vivências. Assim, permeava não só entre as perguntas necessárias para as perguntas necessárias da entrevista, mas também fazer perguntas que o entrevistado pudesse narrar alguma situação de sua vivência, de modo mais natural possível:

Para Labov, os dados mais preciosos para a investigação sociolinguística estavam na língua falada mais espontânea, menos monitorada, mais livre de coerções sociais e culturais, empregada em situações distensas, descontraídas. Essa língua falada maximamente espontânea e não monitorada é o que ele passou a designar com o termo inglês **vernacular**, que traduzimos por **vernáculo** (Bagno, 2012 p.103, grifos do autor).

Com base na teoria e metodologia laboviana, buscamos desenvolver essa presente pesquisa, haja vista que trabalhamos com remanescentes de quilombolas da zona rural, no interior do sertão nordestino, com pessoas a serem entrevistadas sobre seus antepassados, suas vivências, culturas, saberes e fazeres, bem como as questões de preconceitos recorrentes na comunidade, sejam raciais e/ou linguísticos. Assim, destacamos mais uma vez, que o objeto de estudo da Sociolinguística é a língua falada em situações reais de uso, com ênfase na relação entre língua e sujeito, identidade e contexto social, esses são fatores de muita relevância para estudos sociolinguísticos.

Tendo em vista que os povos que residiam no Brasil, falavam suas próprias línguas, durante o período de ocupação e o processo povoamento dos portugueses, sobretudo, os indígenas, que fizeram e continuam fazendo parte da história do país e foram obrigados a falarem a língua portuguesa. Logo, percebemos que nesse período já começa a pluralidade de línguas faladas no país. No entanto, os estudos sociolinguísticos, começaram a ter notoriedade por volta de 1980 e, atualmente, alguns teóricos que mais se destacam na área são: Luiz Antônio Marcuschi (2007), Marcos Bagno (2012), entre outros.

Uma das principais obras brasileiras no viés da Sociolinguística é o livro *A língua de Eulália – Uma novela sociolinguística*, de Marcos Bagno (2006), que aborda diversas situações do cotidiano de pessoas que falam a língua popular brasileira, bem como as diferenças de sotaques e dialetos. Além disso, outro assunto que contém na obra e que é bastante pertinente, é a questão do preconceito linguístico, recorrente de inúmeros fatores que passam despercebidos no que se refere a língua falada, tais como: idade, nível de escolaridade, lugar em que reside, entre outros. Sabemos que há diferenças entre zona rural e urbana, pois se trata de realidades distintas. Conforme a teoria Laboviana, esses fatores não podem ser desvinculados quando se trata de estudos sobre a língua falada. Assim,

abordaremos a noção de linguagem e língua, incluindo contexto social dos falantes, com ênfase no âmbito familiar e educacional.

2.2 NOÇÃO DE LINGUAGEM E LÍNGUA

De maneira geral, sabemos que a linguagem permeia todas as esferas sociais e é fundamental para a comunicação. É evidente que o ensino de Língua Portuguesa e as concepções de linguagem que estão diretamente ligados, norteiam as diferentes formas de ensino. Com base nisso, neste tópico, abordaremos as principais concepções de linguagem, o papel da gramática e a função da língua em cada uma delas.

A partir da década de 1950, os estudos sobre concepções de linguagem, ganharam notoriedade. Na primeira concepção, a linguagem é vista como expressão do pensamento, ou seja, nesta, predomina o subjetivismo e individualismo, de modo que a gramática é vista como prescritiva, as regras devem ser seguidas para o uso real da língua, cuja função é a de exteriorizar o pensamento. Como bem disse Travaglia (2009, p. 21), coloca que:

a expressão se constrói no interior da mente, sendo sua exteriorização apenas uma tradução. A enunciação é um ato monológico, individual, que não é afetado pelo outro nem pelas circunstâncias que constituem a situação social em que a enunciação acontece. [...] Presume-se que há regras a serem seguidas para a organização lógica do pensamento e, conseqüentemente, da linguagem, são elas que se constituem nas normas gramaticais do falar e escrever bem.

No que se refere a segunda vertente, a linguagem é vista como instrumento de comunicação, cuja função é apenas transmitir mensagens e, por isso, é enfatizada apenas a relação de emissor para receptor, ambos isolados socialmente. No que se refere a gramática, é vista como descritiva, ou seja, descreve o que os falantes de determinada comunidade utilizam. A língua, por sua vez, tem função de simplesmente transmitir informações.

De acordo com a terceira vertente, a linguagem é vista como processo de interação, diferentemente da anterior, a língua é usada não só para transmitir informação, mas também para estabelecer interação social. Nessa concepção, a gramática deve ser internalizada/contextualizada. A língua, nesse caso, tem a função de realizar ações sobre outro.

Desse modo, entendemos que língua é um elemento que usamos para nos comunicar, mas é visto que o uso da língua não se limita apenas a esta função. Os estudos a serem citados posteriormente, apresentam diferentes concepções de língua enquanto um elemento social e

identitário. Além disso, é importante ressaltar que a língua é um fenômeno que está sempre evoluindo, bem como os conceitos e concepções que podem ser abordados em diferentes pontos de vista.

A língua materna é a primeira aprendida pelo falante de algum idioma, várias são as formas de designar o que é língua materna. De forma simples, podemos dizer que é a “língua que aprendemos no meio em que vivemos”, “a língua de berço”, entre outras formas. Assim, é possível observar que essas definições são defendidas por Bagno (2012) em sua concepção de língua materna:

A língua materna é precisamente a língua mãe, a língua que cada pessoa começa a adquirir tão logo que nasce e cria o vínculo afetivo-linguístico com a mãe (ou na falta dela, com a pessoa que venha preencher esse papel). É uma língua puramente oral – falada e ouvida -, mesmo quando provém da voz de uma pessoa altamente letrada. Língua de afeto, do desejo, do íntimo, do sonho, vive à margem dos ditames da norma canonizada. A língua materna é intrinsecamente variável, doméstica, familiar, idioma particular daquilo que em inglês se chama household, um termo que inclui a casa, seus habitantes e todas as atividades ali desenvolvidos por eles (Bagno, 2012, p.100).

No âmbito familiar, essa língua é expressada de forma afetiva, às vezes, corriqueira, no que se refere a informalidade. No entanto, é necessário que o falante amplie os horizontes, e uma das primeiras formas de ter contato com as variações que ocorrem na língua, é o ingresso na escola, inicialmente, na educação básica. É no âmbito escolar que os alunos começam a perceber as diversas variedades linguísticas existentes na língua portuguesa. É também na escola que nos deparamos com o conceito de língua baseado na gramática tradicional.

É sabido que na sala de aula, o ensino de gramática, durante muito tempo, foi baseado especificamente, nas normas a serem seguidas e aplicadas em fragmentos textuais. Isso implica dizer que essa forma de ensino contribui diretamente para a ideia de que falar, estudar, aprender e usar a língua portuguesa, é difícil. A forma como os brasileiros tem concepções de “certo” e “errado”, no que tange o uso da língua é, notoriamente, algo que precisa ser repensado. São inúmeros os fatores que acarretam este pensamento; um desses, é o fato de que as classes privilegiadas, que dominam a norma culta, usam disso para menosprezar os falantes da língua popular. Isso implica dizer que, no Brasil, há uma divisão social e que a língua é uma forma de poder, ou seja, os falantes que dominam a norma culta, usam desse privilégio para rotular e inferiorizar os que não possuem esse privilégio. Conforme Travaglia (2009):

A norma culta constitui ao português correto; tudo que foge à norma representa um erro. Isso representa um preconceito porque, não verdade, não há Português certo ou errado: todas as variedades são igualmente eficazes em termos comunicacionais(...) O que há na verdade são modalidades de prestígio e modalidades desprestigiadas(...) assim, queremos que os alunos saídos das classes desprestigiadas aprendam a norma culta para dela se utilizarem (Travaglia, 2009, p.63).

Embora os falantes da Língua Portuguesa usem do mesmo idioma para se comunicarem, as diferenças linguísticas tornam essa língua um fenômeno variável, que passa constantemente por mudanças. É pertinente ressaltar que a língua não é controlada por um grupo, nem por lei, ela se transforma a partir dos seus falantes e suas situações reais de uso. O contexto social, sobretudo, a classe de prestígio e desprestígio dos falantes, reflete diretamente no uso linguístico de cada um, pois a língua carrega construções sociais, históricas e culturais de um povo. Sobre isso, Bagno (2015) afirma que:

Toda e qualquer língua humana viva é, intrinsecamente e inevitavelmente, heterogênea, ou seja, apresenta variação em todos os seus níveis estruturais (fonologia, morfologia, sintaxe, léxico, etc.) e em todos os seus níveis de uso social (variação regional, social, etária, estilística, etc.) (Bagno, 2015, p. 27).

Ademais, tendo em vista que a língua é uma construção humana e histórica, a partir do viés funcionalista, é notório a relação entre língua e sociedade. Corroborando com a teoria da variação e mudança linguística, abordada por Labov (2008), que mostra que há diferentes formas linguísticas utilizadas pela comunidade de fala, as quais se aproximam de um padrão idealizado, as que são estigmatizadas, ou seja, que não pertencem a tal padrão e também a existência de forma neutras. Com base nisso, e considerando essas diferentes formas linguísticas, é pertinente abordar as questões voltadas ao ensino de Língua Portuguesa na Educação Básica, sobretudo, a importância dos PCNS e do SAEBE.

2.3 O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Neste subtópico, abordaremos um pouco sobre linguagem, língua e o ensino de Língua Portuguesa baseado na gramática. Além disso, de forma breve, discorreremos sobre a importância dos PCNS e do SAEB para o ensino de Língua Portuguesa, tendo como base teórica o livro *Aula de Português – Encontro e Interação*, de Irandé Antunes (2003).

No que se refere a linguagem, de maneira simples, podemos dizer que linguagem é tudo o que utilizamos para nos comunicar. É por meio dela que o ser humano se organiza, ou seja, dá forma às suas experiências e manifestam suas ideias, o que implica dizer que há

diversas formas de comunicação. Além disso, vale ressaltar também que não há forma considerada certa de se comunicar, seja através da fala ou da escrita, ou seja, antes de rotular a linguagem usada em certas ocasiões, é importante levar em consideração o contexto e a situação em que ocorre a comunicação. Assim,

[...] não existe um padrão único de fala, como não existe também um padrão único de escrita. Não falamos nem escrevemos todos do mesmo jeito, em qualquer situação ou para quaisquer interlocutores. Falamos e escrevemos, com maior ou menor formalidade, mais ou menos à vontade, com maior ou menor espontaneidade e fluência. Há momentos, de fala ou de escrita, em que tudo o que vai ser dito pode ser dito sem muita ou sem nenhuma formalidade, como há momentos em que tudo precisa ser cuidadosamente planejado e controlado (Antunes, 2003, p.52),

No que se refere a língua, entendemos que é um sistema de signos convencionais, usados pelos membros de uma mesma comunidade para que haja comunicação. Nela, consiste em regras que dão origem a gramática normativa. Por isso, podemos dizer que a língua é um processo que passa por mudanças e que está em constante evolução. Ao analisarmos o ensino da língua nas aulas de português, sabemos que, por muito tempo, limitou-se ao ensino descontextualizado da gramática normativa, deixando de lado as questões reais de usos, questões essas que também possuem grande importância e contribuem para um ensino contextualizado, tendo como objeto não só a gramática, como também a língua falada e escrita. Ainda sobre isso, Antunes (2003) afirma que: “uma gramática descontextualizada, amorfa, da língua como potencialidade; gramática que é muito mais "sobre a língua", desvinculada, portanto, dos usos reais da língua escrita ou falada na comunicação do dia-a-dia;” (ANTUNES, 2003, p. 31). A relevância de unir língua e linguagem como objetos de ensino, que podem ser contextualizados e assumir suas funções de usos, pode tornar as aulas dinâmicas, contextualizadas e, acima de tudo, promover um ensino eficaz, que contribuem no processo de ensino-aprendizagem.

Com relação ao ensino de Língua Portuguesa, sabemos que, durante muito tempo, foi baseado especificamente, no ensino da gramática normativa, ou seja, a gramática como objeto principal de ensino. Logo, associamos ao método considerado tradicional, que nesse caso, refere-se ao ensino fragmentado e descontextualizado da gramática.

No entanto, o ensino de português já teve um avanço considerável. A exemplo, podemos perceber o quanto os livros didáticos estão “diferentes”. O PNLD melhorou muito, pois os livros de atualmente já possuem conteúdos diversificados, dando aos professores uma base do que trabalhar em sala de aula, mas é importante lembrar que o professor não deve se prender somente a esta ferramenta. Como bem disse Antunes (2003, p.37), “é, pois, um ato de

cidadania, de civilidade da maior pertinência, que aceitemos, ativamente e com determinação, o desafio de rever e de reorientar a nossa prática de ensino da língua.”

Além disso, é oportuno ressaltar que, conforme o avanço das formas de ensino, é importante também que os professores não estejam acomodados, no sentido de continuar com práticas de ensino consideravelmente, antigas, o que torna as aulas monótonas e enfadonhas, acarretando o desinteresse dos alunos. Outro fator que podemos destacar, é o processo de escrita e leitura, esse é mais um problema recorrente nos alunos do ensino fundamental. Sabemos que são alunos que pertencem a diferentes contextos sociais e que possuem níveis de aprendizagem diferentes, de forma que, para incentivar os alunos a lerem, é essencial que os professores estejam atentos aos diferentes níveis de aprendizagem dos alunos e aos diferentes contextos em que estão inseridos. É importante fornecer aos alunos textos que despertem interesse deles.

Para mais, tendo em vista que a linguagem é um dos pilares fundamentais da comunicação humana e permeia todas as esferas da vida em sociedade. No contexto educacional, não é diferente, o ensino da Língua Portuguesa desempenha um papel crucial na formação dos sujeitos, proporcionando as habilidades necessárias para expressão, compreensão e engajamento de forma autônoma, crítica e efetiva na sociedade.

Desse modo, é essencial que as instituições educacionais e o corpo docente se desprendam do ensino tradicional do português, que abordam as estruturas gramaticais de forma isolada e adotem metodologias que reconheçam a natureza interacional, funcional e discursiva da linguagem, priorizando a competência comunicativa dos educandos.

No contexto atual, é notável o empenho das instituições governamentais em buscar soluções para melhorar a qualidade da educação, principalmente, no que diz respeito ao ensino da língua portuguesa. É possível observar uma série de ações desenvolvidas em todos os níveis, com o objetivo de promover uma escola mais efetiva e formadora. Estas iniciativas abrangem não só a formação de professores, dotando-os de ferramentas e recursos necessários para melhorar as suas práticas pedagógicas, mas também a implementação de avaliações para monitorizar o progresso dos alunos e identificar áreas que carecem de maior atenção. Embora existam limitações nesse processo, é importante reconhecer os empenhos empreendidos e valorizar a importância dessas ações na promoção de uma educação de qualidade, garantindo que os alunos desenvolvam sólidas aptidões linguísticas e se tornem comunicadores eficazes. O desenvolvimento contínuo do sistema educacional é essencial para alcançar uma educação mais completa e adaptada às necessidades da sociedade atual.

Basta referir o trabalho que resultou na elaboração e divulgação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), com todos os seus posteriores desdobramentos; ou o trabalho empreendido pelo Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica (SAEB), que objetiva avaliar o desempenho escolar de alunos de todas as regiões do país e, a partir daí, oferecer, ao próprio Governo Federal e aos Estados, subsídios para a redefinição de políticas educacionais mais consistentes e relevantes. (Antunes, 2003, p. 21)

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) (Brasil, 1997), têm papel central no ensino de português no Brasil. É interessante notar que esses documentos já contêm conceitos teóricos que enfatizam a importância da dimensão interativa e discursiva da linguagem. Sabemos que as habilidades linguísticas vão além das estruturas gramaticais e incluem a capacidade de usar a linguagem de maneira eficaz e apropriada em diferentes contextos sociais. Os PCN promovem uma abordagem mais abrangente e contextualizada ao ensino do português, desenvolvendo não só as competências linguísticas dos alunos, mas também as de comunicação e de pensamento crítico. Essa perspectiva reconhece que o uso da linguagem é essencial para a plena participação do indivíduo em seu meio social, permitindo-lhe expressar-se, compreender-se e participar significativamente da sociedade. Valorizando essa dimensão interativa e discursiva da linguagem, os PCN oferecem orientações para uma prática pedagógica que favoreça o desenvolvimento das habilidades linguísticas e o fortalecimento da competência comunicativa dos alunos, preparando-os para enfrentar os desafios e as oportunidades da vida moderna (Antunes, 2003)

Outro documento importante citado por Antunes (2003), são as diretrizes do SAEB (Sistema de Avaliação da Educação Básica) que diferem dos métodos tradicionais de ensino da língua portuguesa. Segundo a autora, o SAEB utiliza pontuações denominadas "descritores" para orientar a construção das questões do teste. Surpreendentemente, essas descrições não envolvem definições ou classificações gramaticais tradicionais. Em vez disso, eles abordam especificamente habilidades e competências de leitura. Assim,

Todas essas competências são avaliadas em textos, de diferentes tipos, gêneros e funções. Não há um descritor sequer que se pareça com os itens tradicionais dos programas de ensino do português. Nem a famigerada concordância verbal, suposto indicativo do saber da "inequívoca norma culta", aparece. Tampouco a regência ou outra questão semelhante. Muito menos as famosas classificações de orações (Antunes, 2003, p. 22).

Antunes (2003) ainda aborda a importância de trabalhar, de forma integrada e interativa, o ensino da Língua Portuguesa, de forma que desenvolva efetivamente a competência comunicativa dos alunos, sendo necessário abordar igualmente o ensino da

oralidade, da escrita e da leitura. Segundo a autora, o ensino da fala deve ser valorizado, proporcionando oportunidades de interação oral significativa, tanto em situações formais quanto informais. Ela ressalta a importância de atividades de expressão oral, como debates, apresentações e discussões em grupo, permitindo aos educandos, o desenvolvimento de habilidades comunicativas e de expressão das suas opiniões de maneira clara e coerente. A partir disso, é oportuno compreendermos e distinguirmos linguagem e preconceito linguístico, bem como, apontar como o português no Brasil teve influência de diferentes povos.

2.4 DIFERENÇA DE LINGUAGEM E O PRECONCEITO LINGUÍSTICO

Anteriormente, discorremos sobre concepção de linguagem, considerando sua importância em todas as esferas humanas e que há diferentes formas de linguagem e/ou comunicação. Logo, associamos essas diferentes formas ao processo de formação do Brasil, que é um país formado por diferentes povos, variadas culturas, bem como, a presença de um sistema linguístico que acarreta inúmeras variações, como exemplo podemos citar os sotaques e dialetos que mudam conforme a região.

Embora essa diversidade seja algo marcante no território brasileiro, ainda nos deparamos com vários problemas relacionados a preconceito, um deles é o preconceito linguístico. Sabemos que os povos indígenas sofreram e foram pressionados a deixarem de falar a própria língua, além disso, durante o processo de formação do país, inúmeras pessoas foram trazidas de outros países, inclusive, os africanos que foram escravizados por senhores brancos. Como bem disse Bagno (2012, p. 251):

A difusão do **preconceito linguístico** não é novidade na história do Brasil. Pelo contrário, é uma das marcas da nossa formação histórica: desde o Diretório dos Índios, decretado pelo Marquês de Pombal no século XVIII para proibir o ensino das línguas indígenas e impor o português, passando pelo extermínio sistemático de centenas de povos indígenas e suas línguas, pela distribuição dos escravos africanos em lotes contendo indivíduos que não falavam as mesmas línguas, chegando ao século XX com o “crime idiomático” definido pela ditadura Vargas para coibir o uso do alemão, do italiano e outras línguas de imigração durante a Segunda Guerra Mundial. (Bagno, 2012, p. 251, grifo do autor).

Outro fator recorrente no Brasil, é a ideia de que falar e estudar a língua portuguesa, é difícil, isso porque associam a língua direta e exclusivamente a gramática normativa, conseqüentemente, as suas incontáveis regras e nomenclaturas. Além disso, podemos destacar também que algumas pessoas se julgam de forma negativa, no que se refere a falar o

português “corretamente”. Como bem disse Bagno (2015), “o preconceito linguístico fica bastante claro numa série de afirmações que já fazem parte da imagem (negativa) que o brasileiro tem de si mesmo da língua falada por aqui”. Embora saibamos que perante a Constituição, todos os indivíduos são iguais, os falantes que não dominam a norma culta, sofrem preconceito e são julgados como inferiores diante daqueles que se consideram intelectuais ou mais inteligentes.

Para mais, sabemos que a língua é um sistema de signos, por isso, não é homogênea, não é uniforme, ou seja, não é igual. No Brasil, não é diferente, pois os brasileiros apresentam diferentes graus de variabilidade no que se refere ao uso linguístico. Sobre essa desigualdade linguística, e os fatores sobre variação Bagno (2015) ressalta a importância de a variação linguística ser ensinada, com ênfase na língua materna:

[...] uma educação linguística voltada para a construção da cidadania numa sociedade verdadeiramente democrática não pode desconsiderar que os modos de falar dos diferentes grupos sociais constituem elementos fundamentais da identidade cultural da comunidade e dos indivíduos particulares e que denegrir ou condenar uma variedade linguística equivale a denegrir e a condenar os seres humanos que a falam, como se fossem incapazes, deficientes ou menos inteligentes (BAGNO, 2015, p. 17).

Dessa forma, é possível compreender que a variação linguística faz parte da vida cotidiana de todo cidadão, o que implica dizer que o uso linguístico desses falantes não só influencia na comunicação, como também contribui para constituição sociocultural de cada um, bem como para a construção do caráter social enquanto membros de uma sociedade linguisticamente heterogênea.

Ademais, considerando que nosso questionamento parte do querer saber como acontece a variação linguística na Comunidade Contendas, é pertinente apresentarmos a cultura e identidade desse povo, através de uma narrativa quilombola, visto que é importante conhecer as questões socioculturais e a história do lugar.

2.5 CULTURA E IDENTIDADE: NARRATIVA QUILOMBOLA

O interesse pela comunidade quilombola constitui-se pelo fato de serem um povo socialmente estigmatizados e que, embora estejam nessa posição de inferioridade, criada pela

sociedade, ainda lutam para serem aceitos e manterem a representatividade social, histórica e cultural do seu povo. Esses fatores não só nos inquieta, como também, nos instiga a verificar as possíveis influências sobre o uso linguístico desses falantes.

Pessoalmente, percebo a escassez em relação aos estudos referentes a língua utilizada por esses grupos sociais que, de forma muito equivocada, são alvos de pensamentos preconceituosos, no que se refere aos costumes, sejam eles culturais, linguísticos e/ou históricos. Além disso, percebemos o quanto as comunidades tradicionais são historicamente marginalizadas e julgadas inferiores, perante a sociedade brasileira.

Atualmente, percebemos o quanto o incentivo à cultura pode contribuir para a construção do perfil sociocultural e identitário de uma pessoa. Durante muito tempo, as histórias dos nossos antepassados eram despercebidas pelos próprios docentes, acreditamos que não seja falta de interesse, mas de incentivo sobre a importância de se aprofundar até mesmo no processo de formação do Brasil.

Contendas, comunidade estudada e na qual reside a pesquisadora, esteve muito tempo, despercebida aos olhos das pessoas, empobrecida cultural e materialmente. A formação desta comunidade começou por volta do século XIX, após o processo abolicionista, quando Maria Tereza de Jesus e João Felício, saíram da fazenda onde trabalhavam e se estabeleceram nas terras doadas pelos donos da fazenda onde Maria Tereza era cozinheira e mãe de leite. A partir disso, começou o povoamento na comunidade que existe e é habitada até os dias atuais.

Contendas outrora, já foi muito povoada, mas devido as dificuldades de sobrevivência, grande parte dos moradores buscaram duvidosas oportunidades de trabalho nas cidades. Por isso, atualmente, apenas 10 famílias residem na comunidade. Enquanto moradora da comunidade, é possível perceber que Contendas estava “morrendo” aos poucos. Mas, a partir do ano de 2017, juntamente com os membros da Igreja Batista do Povo, começamos o projeto de Valorização Cultural e Desenvolvimento Sustentável do Quilombo, no intuito de resgatar a cultura e enaltecer a história da comunidade, o que trouxe de volta a esperança dos moradores, bem como a ampliação dos horizontes.

Graças a esse projeto, atualmente, Contendas possui um centro histórico, onde estão artigos e peças que pertenceram aos antigos moradores da comunidade (alguns já falecidos), além disso, há também uma árvore genealógica com os nomes dos primeiros moradores e seus descendentes. Ademais, é oportuno citar que passamos a receber visitas de alunos, professores, pesquisadores e do público em geral que, espontaneamente, se instigam a conhecer nossa história.

Historicamente, somos uma comunidade com saberes e fazeres tradicionais do povo sertanejo, nossa cultura é oriunda dos nossos antepassados. Por isso, socialmente, estamos numa posição, de onde temos que lutar diariamente para nos mantermos visíveis perante uma sociedade excludente, no que se refere as comunidades tradicionais. Além disso, durante muito tempo, nos deparamos com atitudes preconceituosas, pelo simples fato de fazer parte de um grupo socialmente estigmatizado.

Tendo em vista que o Brasil é um país miscigenado e historicamente fazemos parte disso, conseqüentemente, estamos numa posição em que o preconceito racial, linguístico e cultural, são os fatores determinantes pelos quais lutamos contra e tentamos combater diariamente. Em alguns casos, as falácias são suficientes para rotular a realidade de um povo, nos povos tradicionais não é diferente, na maioria das vezes, a história desses povos são desconhecidas socialmente, embora sejam rotuladas e menosprezadas diariamente, são comunidades ricas em história, por isso, acreditamos firmemente que uma realidade desconhecida, não deve ser julgada, rotulada, marginalizada nem menosprezada.

É preciso ressaltar a importância de conhecer a história do processo de formação do país, para entender a influência dos europeus, dos povos escravizados, dos povos indígenas que foram catequizados e, entre outros fatores, que diretamente influenciam nessa diversidade cultural brasileira, nas diferenças linguísticas presentes na língua usada pelos falantes de língua portuguesa. Por isso, se torna pertinente estudar a pluralidade da língua portuguesa, o contexto de uso, a comunidade linguística e os aspectos sociais que influenciam e contribuem para a diversidade linguística, cultural e social do povo brasileiro. Portanto, a escolha do objeto de estudo desta pesquisa, está diretamente relacionada aos fatores sociais citados anteriormente. Pesquisar sobre os nossos antepassados e suas histórias, será, acima de tudo, uma oportunidade de deixar escrito a luta de um povo que, durante séculos, lutam para sobreviver em um país onde o preconceito está enraizado.

Sendo assim, para darmos continuidade a essa pesquisa e responder nosso questionamento explicitado na parte introdutória, fizemos a coleta de dados com três moradores da Comunidade Contendas, através de uma entrevista semiestruturada, em que pudemos recolher o material necessário para analisarmos. A partir disso, pudemos conhecer a história de Contendas e utilizar fragmentos pertinentes para analisarmos.

3 A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NAS NARRATIVAS QUILOMBOLAS

A coleta dos nossos dados aconteceu na Comunidade Quilombola Contendas, localizada no município de São Bento (PB) que, atualmente, é composta por 10 famílias, sendo a primeira comunidade a ser reconhecida como remanescente quilombola do município de São Bento, tendo a certificação emitida pela Fundação Cultural Palmares, em 07/06/2006. Destacamos que, essa foi uma conquista muito importante obtida pela comunidade. Além disso, Contendas fica a aproximadamente 25 quilômetros de seu município, o que a torna um lugar relativamente isolado.

Embora tenha passado um tempo “esquecida” pelas pessoas, na atualidade, Contendas tem contribuído de forma significativa nas questões culturais do município de São Bento (PB), pois a história e a cultura da comunidade, tornaram-se conhecidas e acessíveis a todo o público que deseja conhecê-la. Isso foi possível graças ao processo de revitalização que, na oportunidade, foi criado um Centro Histórico no intuito de conservar itens que pertenceram aos antigos moradores e que são peças indispensáveis para a preservação da história local. A partir disso, Contendas passou a ser frequentemente visitada por pessoas que buscam conhecer a comunidade, as histórias e o contexto sociocultural dos que nessa residem.

Nesse sentido, é indispensável à análise do conteúdo obtido para compreendermos as histórias de vida dos participantes/colaboradores dessa presente pesquisa, bem como as possíveis contribuições para a Educação Básica e estudos linguísticos, sobretudo, os que fazem parte dos campos dos estudos da sociolinguística. Nesse caso, o da variação linguística, já que o objetivo desse estudo visa estudar como acontece a variação linguística na comunidade remanescente quilombola de Contendas (PB).

Inicialmente, é importante ressaltar que os remanescentes quilombolas possuem suas peculiaridades em saberes e fazeres. Isso implica dizer que, para manter a história e a cultura preservadas, é necessário que haja transmissão de conhecimento e/ou informação de geração a geração. Assim, podemos destacar a fala como passo essencial para resguardar histórias memorizadas.

Nessa pesquisa, os dados foram coletados na Comunidade Quilombola Contendas, onde tivemos a oportunidade de entrevistar três moradores que se dispuseram a ser nossos colaboradores e permitiram a utilização do nome de cada um nos fragmentos usados no decorrer deste trabalho, são estes: Francimar Nunes, 55 anos de idade, nascido e criado em Contendas, quilombola e atual líder comunitário da comunidade; Juliana Nunes, nascida e criada em Contendas, 82 anos de idade, matriarca da comunidade, quilombola, mulher forte, mãe de 5 filhos e uma das principais fontes inesgotáveis de sabedoria da comunidade; Maria

Leneide, 59 anos de idade, também nascida e criada na comunidade, mãe de 7 filhos e vice líder comunitária.

O seguimento da análise dos dados será da seguinte forma: utilizaremos os relatos coletados através das entrevistas para analisarmos de forma conjunta, buscamos analisar as peculiaridades transmitidas através da fala dos entrevistados. Assim, faremos uma análise que possa relacionar vários trechos que serão expostos no decorrer da pesquisa, bem como enumerar todos os fragmentos que serão utilizados.

Na discussão sobre língua e linguagem no corpo deste trabalho, sabemos que estão presente em todas as esferas sociais, o que implica dizer que a forma de uso está diretamente relacionada ao contexto social de cada falante. Além disso, é possível perceber a influência dos elementos culturais na formação de cada cidadão. Assim, destacamos as pessoas que residem em comunidades tradicionais e a forma como vivem cotidianamente. Em algumas falas, os entrevistados mostraram especificidades que constituem o cotidiano quilombola, por exemplo, na fala da Dona Juliana, quando falava acerca da religiosidade da fundadora da comunidade ressalta que:

Bibia quando era viva, a dona, a fundadora daqui, quando o sol ia se pôr ela entrava dentro dessa capela, ela se sentava lá no canto da parede só saía quando rezava, as novenas de São João, São José, Nossa Senhora do Perpetuo Socorro, aqui não se passava noite sem rezar não, mês sem rezar não. (Dona Juliana, fragmento 1).

Durante o período de colonização, diversas pessoas sofreram com as regras impostas pelos colonizadores, as péssimas condições de trabalho e sobrevivência. Sobre o poder dos portugueses, indígenas, negros, entre outros povos, foram catequisados e proibidos de falarem a própria língua e praticar sua religiosidade. A partir do relato exposto acima, fica explícito o quanto a religião é parte constituinte dos sujeitos que residem nessa comunidade e está cotidianamente ligada aos costumes adquiridos pelos antepassados.

Nesse sentido, a religiosidade é uma das características preservadas pela comunidade, o zelo pela Igreja local é algo que impressiona, é, para os entrevistados, mais uma forma de preservar a história do local, assim afirma Maria Leneide: “Eu acho importante manter a história do nosso povo, dos que já passou também, é bom pra nós e pra comunidade, eu sempre zelo da igreja que é muito importante pra nós”. (Maria Leneide, fragmento 2),

Além disso, é possível destacar a importância da transmissão de conhecimento através da língua, pois, é a partir dessas comunicações, que se deu início a formação do português brasileiro e suas variedades linguísticas, visto que teve influência significativa desses povos

que, durante muito tempo, tiveram que deixar suas origens. Isso implica dizer que, embora as práticas religiosas, oriundas das culturas desses povos, tenham sido proibidas durante muito tempo, na atualidade, é perceptível que influenciaram diretamente no modo de vida que predomina atualmente. A figura 01 mostra a igreja da comunidade em estudo:

FIGURA 01: Igreja Nossa Senhora do Perpétuo Socorro



FONTE: Imagem capturada pela pesquisadora.

No que se refere ao uso da língua e da linguagem, é notório que, de fato, são condições que, socialmente, abrange todos os meios de comunicação. A língua como um sistema de signos e a linguagem como atividade discursiva. É por meio dessas que acontecem as interações humanas, assim, podemos dizer que a linguagem é o que utilizamos para nos comunicar. É pela linguagem que temos acesso à informação, expressamos opiniões, construímos visões de mundo e produzimos cultura. Assim, percebemos que a linguagem é um poderoso instrumento na luta social.

Relacionado a isso, destacamos que o preconceito linguístico, a que Bagno (2015) se refere, é muito presente em nosso cotidiano, já que sabemos que muitas pessoas são tratadas como inferiores e são taxadas de ignorantes, por não dominarem uma linguagem considerada correta e formal. Ao perguntarmos a Maria Leneide sobre preconceito, esta afirmou que não sabia o que de fato é essa discriminação, após uma breve explicação sobre o assunto, Leneide disse que não foi alvo de preconceito:

Eu num intendo o que é isso... não, até hoje não, mas no dia que eu suber não entra nem no meu terreno... Também não, mas tem palavra que eu gosto de falar e não sei o que é, é “oxen” e “arrilá”, não sei o que é, mas eu falo direto. (Maria Leneide, fragmento 3).

No que tange a análise desses relatos, foi possível analisar que um dos entrevistados desconhece alguns termos, como citado acima, e também a fala da Dona Juliana que diz:

É perdidin tere preconceito, porque negro é negro, eu nunca sube de ninguém com preconceito com eu não, se teve eu nunca subi, graças a Deus, as veis eu digo mais menina eu sou preta e eu ser tão querida, graças a Jesus” (Dona Juliana, fragmento 4).

Em relação a esse assunto, as respostas diferem, pois em sua fala, Francimar relata: “o povo as veis diz que eu falo errado, mas eu falo do jeito que eu sei, e num tenho vergonha não” (Francimar Nunes, fragmento 5). Como podemos ver, a língua materna é uma marca significativa nessa narrativa, visto que é considerada a primeira língua que aprendemos e, preservá-la. Nesse caso, ainda é um fator que acarreta o preconceito linguístico. No tocante ao preconceito racial, ao perguntarmos ao Senhor Francimar, se já sofreu este tipo de preconceito, a resposta foi imediata:

Sofri, não; ainda sofro ainda. Só em dizê “os nego das contenda” pra mim já é preconceito, porque todos nós tem um nome. Todos nós tem um nome, e hoje ainda terá gente que chama: “os nego das contenda, os negos lá das contenda, as neguinha das contenda”. Isso aí pra mim é um preconceito porque todos nego que tem na comunidade, todos tem um nome. Todos foro registado. E eles num foro registado como nego. Num é eu que num querendo sê nego, porque eu tenho o maió orgulho de sê nego, mas a gente tem o nosso nome. Nós tem a nossa identidade. Quer dizer que eu acho que isso aí é um preconceito. (Francimar Nunes, fragmento 6).

Ao analisarmos as narrativas dos entrevistados, é possível perceber que os idosos desconhecem o termo Quilombo, no entanto, se auto declaram quilombola, pelo fato de conhecerem a história e o processo de formação da comunidade na qual residem. Além disso, em Contendas, a maioria dos moradores são idosos que vivem na comunidade desde o nascimento, aliás, todos eles nasceram na comunidade. O que potencializou a história de Contendas e a fez conhecida pelas pessoas das cidades circunvizinhas, e até mesmo de outros estados, foi o projeto de regaste da história e valorização cultural, citado no tópico “Cultura e identidade: narrativa quilombola”, dessa pesquisa. Além disso, foi algo que contribuiu para a valorização linguística dos falantes, pois, através da língua, contam a história da comunidade, utilizando uma linguagem simples e singular.

Outro fator importante é o fato de que os moradores de Contendas relatam que, durante muito tempo, houve a ideia de mudar o nome da comunidade, pelo fato de não ter um

significado considerado “bom”, sobre isso, Francimar relata o seguinte: “Olha, é um nome bem conhecido, mas eu tenho pra mim que não é bom não, esse nome. Eu não entendo disso, mas eu acho que não é bom não, esse nome”. (Francimar, fragmento 6). Sobre isso, Dona Juliana, atualmente, matriarca da comunidade, falou: “Já pelejaram pra mudar o nome de Contendas, mas ela nunca aceitou, porque o povo mais véi diz q contendas era briga mas ela não mudou, queriam mudar pra socorro mas ela não quis não.” (Juliana, fragmento 7).

É visível o quanto a comunidade preserva a história da comunidade, desde o processo de formação. Ainda sobre isso, Francimar Nunes, atual líder comunitário, relatou que “dizem que na fundação de Contendas, teve confronto entre índios e negros e por isso formaro o nome de Contendas.” (Francimar Nunes, fragmento 8). A partir desse relato, é possível perceber o quanto os processos de formação das comunidades tradicionais são ricos em histórias que contribuem para a miscigenação do nosso país.

No que se refere as festividades da comunidade, essas tradicionais do seu povo, desde a formação do quilombo, Francimar fala que: “Eu alcancei o toque de berimbau, eu alcancei toque de reco-reco, alcancei luta de rasteira que eles usavam aqui; isso tudo eu alcancei, mas hoje não existe, não pratica mais isso”. (Francimar Nunes, fragmento 9). Na atualidade, a festividade que ainda acontece na comunidade, é a tradicional festa da Igreja que, para eles, é mais uma forma de preservar a cultura quilombola.

Nessa pesquisa, consideramos importante também a discussão sobre as variações linguísticas, pois existem nos diversos grupos sociais. Embora saibamos que as variações ocorrem em todos os níveis, há situações nas quais passam despercebidas e são vistas como erro dos falantes. Vale ressaltar a importância do respeito em relação a forma de comunicação de cada pessoa, assim também, é necessário que respeitemos os diversos padrões linguísticos, seja de fala ou de escrita, pois, como já foi dito, o uso desses padrões está diretamente relacionado ao contexto sociocultural no qual os falantes estão inseridos. É preciso considerar a linguagem como instrumento para provocarmos mudanças em meio ao nosso contexto sociocultural.

As variações linguísticas ocorrem em diversas situações, e vários são os fatores que acarretam isso, alguns são: idade, nível de escolaridade, local onde reside, dentre outros, isso implica dizer que as variações, presentes no uso da língua, são do cotidiano de cada falante, seja qual for o grupo social a qual pertença. Mais uma vez, é importante que respeitemos a linguagem de cada pessoa, seja usada de forma dinâmica ou direta, visto que temos que enaltecer o principal sentido da linguagem, o de usá-la como mediadora de informação pelos cidadãos.

No mais, importa ainda que, num país tão diversificado como o Brasil, é imprescindível que conheçamos de perto a realidade das comunidades tradicionais, para que tenhamos interação com diferentes culturas e etnias. Os moradores de Contendas, durante muito tempo, viram a comunidade se enfraquecendo, principalmente, no que se refere ao total de moradores, que saíam da comunidade em busca de melhores condições de trabalho, visto que, a principal fonte de sobrevivência na comunidade, era a agricultura. Essa questão é perceptível na fala dos entrevistados:

A primeira mudança que eu vi na comunidade foi de diminuir as famílias. Vamo dizê, quando... aí teve mudança pra começá a acontecê algumas coisa na comunidade; chegá alguma ajuda na comunidade. Só que quando essas ajuda chegaram o pessoal já tava se debandando da comunidade e indo percurá melhora fora. Aí chegou. Tem mudança, na comunidade, mas tem muita mudança de coisa ruim, porque, vamos dizê, a comunidade hoje era pra sê uma comunidade grande e se torna uma comunidade pequena porque, num tem, vamu dizê, fonte de renda; aí o pessoal tem que sair fora pra trabalhar e finda indo embora da comunidade. Teve essa mudança, sim. (Francimar Nunes, fragmento 10).

A questão da sobrevivência na comunidade, durante muito tempo, foi difícil, segundo relatos dos moradores, era por meio da agricultura que as famílias obtinham o sustento. As dificuldades potencializaram a luta por sobrevivência do povo de Contendas que, em meio as adversidades, não desanimaram e continuaram lutando, Dona Juliana afirma que:

No tempo da emergência, acho que foi em 83, num lembro direito o ano, foi muito difícil nois ia buscar a fêra no juremal, na cabeça mais, foi um tempo muito difícil, nesse tempo nois era cassaca de Salete, eu cavava barro pras outras carregar nas carroças...Trabaiava no roçado, as veis apanhava algodão, feijão pros outros lá atrás desse serrote, nois fazia careta pro sol, pro sol descer pra nois ir simbora. É... eu já trabaiei muito e trabaio ainda e tenho fé em deus q ainda vou trabaiaí muito. Eu trabaiava na ponta dessa serra apanhando algodão, ia pesar quando apanhava 15 quilo vixe maria era coisa demais. As veis nois usava caçua pra carregar as coisas, nós carregava água de beber nas cabaça. (Dona Juliana, fragmento 11).

Uma das características de luta do povo negro na questão da mão de obra, é que a maioria, trabalhava na agricultura. Essas são condições que fizeram parte do povo de Contendas. Atualmente, ainda existem agricultores na comunidade de onde tirão parte do sustento familiar. Dona Juliana cultivava algodão, feijão, o que a faz lembrar das atividades por ela desenvolvidas antigamente. A figura 02 mostra Dona Juliana exercendo uma dessas atividades:

FIGURA 02: Dona Juliana debulhando feijão



FONTE: Imagem capturada pela pesquisadora.

Corroborando com o método de entrevista desenvolvido e utilizado por Labov, nessa pesquisa, buscamos coletar dados de uma forma, que os sujeitos entrevistados se sentissem à vontade para falar sobre suas vivências. A espontaneidade possibilita os falantes a estarem confortáveis em transmitir, através da linguagem de cada um, os elementos essenciais para a presente pesquisa.

Nesse sentido, a pesquisa de campo nos possibilita não só conhecer, como também vivenciar a diversidade de saberes e fazeres do quilombo que, neste caso, é no sertão nordestino, lugar onde a luta pela igualdade e representatividade social, tem avançado a cada dia, como bem disse Guimarães Rosa (2001): “Sertão é onde a gente se faz mais forte que o poder do lugar”. A figura 03 mostra Dona Juliana, sentada na sua cadeira de balanço, num momento de descanso:

FIGURA 03: Dona Juliana



FONTE: imagem capturada pela pesquisadora.

Percebemos o quanto a linguagem é uma condição social que, direta e/ou indiretamente, nos faz refletir sobre a indispensável relevância de usá-la como mediadora de diálogos, seja qual for o âmbito ou circunstância. Em Contendas, a linguagem utilizada pelos falantes, é uma linguagem simples, comum, do convívio dos moradores, visto que é uma comunidade isolada, onde residem poucas pessoas, os mais velhos preservam as formas antigas e peculiaridades do seu povo.

Outro fator que analisamos nos relatos dos entrevistados foi que, no tocante as comemorações e festividades tradicionais, em outrora, um dos sujeitos citou algumas que aconteciam na comunidade e que era fonte de alegria e diversão: “Eu alcancei o toque de berimbau, eu alcancei toque de reco-reco, alcancei luta de rasteira que eles usavam aqui; isso tudo eu alcancei, mas hoje não existe, não pratica mais isso”. A figura 04 traz uma visão panorâmica da comunidade:

Figura 04: Comunidade Quilombola Contendas



FONTE: Imagem capturada e autorizada por Thiago Rodrigues.

No tocante a educação, seja no campo ou urbana, vem sendo alvo de debates que buscam políticas públicas para ampliar as formas de ensino, conseqüentemente, tornar o âmbito educacional atrativo, no intuito de criar formas eficazes de ensino-aprendizagem. Mas são diversos os fatores que dificultam para que isso, de fato, aconteça, tais como problemas financeiros, familiares, entre outros. Sabemos que a educação básica tem relevância no tocante ao processo de formação dos alunos. A partir disso, analisaremos as questões educacionais de Contendas, com ênfase na Educação Básica.

Durante as entrevistas, indagamos os moradores sobre as questões voltadas para educação na comunidade, consideramos importante resgatar o processo pelo qual a escola da comunidade passou, nesse caso, Francimar Nunes falou:

era um grupo escolar; só que era estadual. Com o tempo, agora depois de uns 12 ano, 15 ano passou a ser municipal, mas ele era estadual esse colégio. Aí foi tanto que reformaro ele e foi perdido a estrutura dele, porque não fizeram ele mais do jeito ele que era” (Francimar Nunes, fragmento 12).

A referida edificação aconteceu no ano 1948, desde então, o colégio funcionou normalmente. Em 2020, a escola passou por uma reforma, nessa, houve apenas melhorias na estrutura física do prédio, não houve modificação como na primeira vez. A partir disso, foi

possível perceber o quanto o entrevistado lamenta a mudança que aconteceu na escola, para ele, era um lugar de lembranças afetivas. Em outra oportuna fala, Francimar relata:

Eu cheguei a morar nesse grupo. Cheguei a morar. Foi. Minha mãe morou lá muito tempo nesse grupo. Porque mãe não tinha casa. Mãe num teve marido. Teve cinco filhos. Ela não tinha condição de construir uma casa. A gente era pequeno, nem condição de fazer uma casa de taipa tinha. Que era tudo pequeno. Depois que saímo desse grupo, mãe finalmente foi ter sua casa” (Francimar, fragmento 13)

A figura 05 mostra a escola da comunidade:

FIGURA 05: Grupo escolar antes da reforma (à direita)



FONTE: Noelma Santos – Imagem extraída do Facebook/saobentopb

Seguindo nos questionamentos sobre as vivências dos moradores enquanto estudantes, foi possível perceber que, embora as inúmeras dificuldades que permeavam a comunidade antigamente, todos os que residiam em Contendas e nos sítios vizinhos, frequentaram a escola nas séries iniciais. Além disso, houve professor oriundo da Família Nunes (família tradicional da comunidade), que exerceu docência na Comunidade. Esse é mais um fator que podemos analisar como indispensável no tocante aos aspectos socioculturais da comunidade. Assim afirma Dona Juliana: “Eu estudei com ti João ele era muito sabido, meu professor tudo era bom, tudo. Os que eu estudei com eles, graças a Deus.” (Dona Juliana, fragmento 14). Ainda mais, na fala de Maria Leneide, podemos ver que:

Comecei a estudar eu tinha 6 anos estudei até a quarta série, os meus professores era tudo bom, era da famia ainda, tinha Maria Leonor Nunes, João Nunes que é ti João estudava na escola daqui mesmo, já funcionava e tinha muito aluno, nós comemorava tudo, dia das crianças, dia dos pais, dia do índio. Eu trabaiava também, desde nova. Eu apanhava fruta butava pra secar pra vender pra ganhar o dinheiro. Nós ia pras oiticica, mas aí com 10 anos aprendi a fazer rede e é oq faço até hoje”. (Maria Leneide, fragmento 15).

Numa visão geral da sociedade brasileira, sabemos que o negro, durante muito tempo, foi visto como inferior, foi alvo de racismo, explorado nas piores condições de trabalho. Isso são fatores que diretamente acarretam a não permanência dos alunos negros na escola. Atualmente, os alunos de Contendas usufruem de uma escola relativamente adequada às necessidades de cada um, as dificuldades não são tantas, como as dos moradores mais antigos. Em relação a isso, foi possível analisar que as condições socioeconômicas foram o principal motivo dos alunos a deixarem a escola, observemos nos seguintes relatos:

Eu comecei a trabaiá com 12 ano de idade, meu pai não podia me dar, não tinha condição de me dar meu material de estudar, eu trabaiava um dia num canto, trabaiava um dia no meu roçado, que ainda hoje trabalho no meu roçado. Mas eu estudei, poco mas estudei, aprendi a ler e escrever aqui, nessa escola daqui. Nós comemorava o dia 7 de setembro. Nesse tempo, era tudo comprado, o material da escola era comprado o lápis, a tinta, tinterim, caneta, carta de abc, cartilha, primeiro, segundo livro, terceiro o quarto aí no quinto pai me deu aí eu não estudei, Pai foi pra patos e comprou um livro pra mim lá, ainda me lembro o nome era exames de admissão. Aí deixei de estudar fui trabaiá, eu e Dadinha, nós passava o dia todin no serrote com a lata na cabeça butando água p pai véi proverizar o aigudão, sabe quanto nós ganhava mile e quinhento, uma pratinha de 10 e uma de 5. (Juliana Nunes, fragmento 16)

Podemos perceber a importância da educação para os entrevistados, além disso, importa ainda que citemos um trecho no qual há relato sobre a escrita de poemas feita pelo antigo morador e familiar do Francimar, que relata como boa lembrava os costumes do seu tio que, enquanto descendente de quilombola, zelava da história do seu povo:

Olha, é, uma história de família que tenho na minha lembrança era a de João Nuno. Ele era poeta, e gostava muito de fazer verso, e gostava de contar as lorotas dele. E ele sempre falava, e gostava de butá apelido nas coisa, ele sabia tudo da comunidade, sabia o que era a vida do quilombo, sabia tudo. E ele deixou isso tudo iscrivido... Ele deixava muita marca em pé de árvore; ele fazia aqueles nomes em pé de árvore, mas só que quando a pessoa faz um nome no pé duma árvore, vamo dizê, é perdido, porque com o tempo se perde aquele nome. Ele fazia muito, escrevia muito. (Francimar Nunes, fragmento 17).

Ao analisarmos esse relato, de certa forma, é notório que, além da escrita, a língua falada contribui para a preservação da história local, pois é por meio da língua que obtivemos

a contação de histórias, conhecemos o cotidiano dos falantes que residem em Contendas, suas singularidades e, além disso, percebemos que, de fato, a linguagem é o principal instrumento da comunicação humana, visto que é presente em todas as esferas sociais.

Desse modo, esta pesquisa nos fez entender que a forma mais comum utilizada pelos quilombolas em questão, é a língua falada como instrumento de transmissão de informação e/ou conhecimento. É por meio da linguagem simples, utilizada por esses sujeitos, que foi possível compreender a importância da cultura quilombola, as singularidades desse povo relevante para o país.

De fato, são poucos os habitantes na comunidade, os que ainda residem, compõem uma só família, que lutam para manter a identidade cultural, a história do lugar, as estruturas físicas que até os dias atuais são parte da preservação do lugar. A forma como os moradores de Contendas tem apego pela comunidade, é admirável, a luta por manter a comunidade viva é impressionante:

Tenho um sonho de não deixar Contendas se acabar. É que eu vejo aqui na região muitas comunidades não que seja quilombola, mas comunidades que se acabaram e viraram deserto. E eu tenho um sonho de ver as Contendas ainda pelo menos com uma população maior. Já sonhei muito, já conquistei muita coisa e eu acredito que Deus vai estar do nosso lado pra gente conseguir, pelo menos, segurar, quem já está aqui. Meu sonho é esse. (Francimar Nunes, fragmento 18).

Como vemos, é importante não só conhecer e analisar as histórias dos quilombos, mas também compreender o que, de fato, é relevante para esse povo, pois nessa pesquisa, nos deparamos com um povo simples, acolhedor, rico em cultura. Esse povo luta diariamente para sobreviver num país onde, muitas vezes, os povos tradicionais precisam abdicar de seus sonhos e ficar longe das suas origens em busca melhores condições de sobrevivência. Como bem disse Euclides da Cunha (1973), “O sertanejo é, antes de tudo, um forte”. A figura 07 traz uma representação do cotidiano na comunidade quilombola de Contendas:

FIGURA 06: Cotidiano Quilombola



FONTE: Imagem capturada pela pesquisadora

Nessa pesquisa, que tem como base teórica a Sociolinguística, destacamos algumas palavras utilizadas pelos entrevistados da Comunidade Quilombola Contendas, as quais nos permite ter contato com alguns aspectos fonéticos da realidade linguística comuns entre as narrativas não só enquanto quilombolas, mas também, sertanejos.

Em relação aos fragmentos apresentados, é nítido a presença das variações comuns da Língua Portuguesa. Foi possível perceber que palavras colocadas repetidas vezes e/ou diálogos sem concordância, são recorrentes nos relatos dos entrevistados, o que, de certa forma, são marcas significativas na oralidade dos falantes, consequência da diversidade do português brasileiro. Assim podemos entender que os dialetos utilizados por eles têm influência direta com o fato de que o português falado no Brasil teve influência de outras línguas.

Outro ponto que vale ressaltar é que nos fragmentos que foram expostos no decorrer do texto, há presença de palavras que representam a variação regional, como por exemplo, as seguintes palavras: “Aigudão”, “fruta”, “foro”, “trabaiá”, “aligria”, “fêra”, “imbora”, “vei”. Na atualidade, esses termos são comuns nas comunidades rurais do nordeste brasileiro. A oralidade foi o principal meio que utilizamos para recolher os dados dessa pesquisa, através da comunicação oral, os entrevistados repassaram suas vivências humanas que, até então, não

foram esquecidas. Assim, essas narrativas constituem a identidade cultural de uma comunidade.

Nos relatos coletados, percebe-se que não são apenas falácias, são, sobretudo, as narrativas de um povo que luta incessantemente para alcançar um lugar de representatividade social. Tais relatos são mais que contações de histórias, são a força cultural e a resistência de um povo que transmite, através da fala, seus saberes e fazeres de geração a geração. Esta é umas das principais formas de tornar conhecida e potencializar a história dessa comunidade, bem como perceber as variedades linguísticas nas situações reais de uso da língua.

No mais, reafirmamos que a língua possui variações e, no Brasil, essas variações linguísticas acontecem em todas as esferas sociais, pois a língua varia de uma região a outra, os dialetos mudam e se diferem, os fatores socioeconômicos e culturais estão diretamente ligados e, conseqüentemente, influência na linguagem de cada falante, seja da zona rural ou urbana. Por isso, é oportuno ressaltar que, essa diversidade é comum em nosso País.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer dessa pesquisa, utilizamos de teorias que são de muita importância para os estudos sobre a língua. A teoria linguística desenvolvida por Ferdinand de Saussure, tem como foco a estrutura da língua, segundo suas dicotomias, a língua é variável de acordo com o tempo passado e presente. A partir disso, perpassamos por uma das subáreas da linguística, que, neste caso, é a Sociolinguística. A teoria da variação, desenvolvida por William Labov, tem fundamental importância nessa pesquisa, visto que é uma subárea que estuda a língua no meio social, relacionando aspectos linguísticos e sociais, mostrando que o campo da linguística é muito amplo.

Nesse contexto, reafirmamos que as comunidades remanescentes, são lugares de refúgio encontrados pelos negros que foram escravizados e submetidos a muita luta e sofrimento pelos senhores brancos. Foram proibidos de expressarem sua língua e obrigados e abandonar suas origens. No Brasil, são inúmeros os casos de pessoas que foram trazidas da África para serem escravizadas. No território brasileiro, o negro ainda sofre discriminações, o preconceito é a mais presente em meio a sociedade, seja racial e/ou linguístico, o que implica dizer que, essas discriminações dificultam a inserção dessas pessoas no meio social, as que estão situadas na Comunidade Contendas, são descendentes de um casal escravizado que se instalou e deu início a formação da comunidade.

Os moradores da Comunidade Remanescente Quilombola Contendas, são pessoas que vivenciaram inúmeras dificuldades e permaneceram lutando para sobreviver. Por isso, é oportuno ressaltar a relevância de que essas pessoas precisam ser valorizadas pela sua história de vida e cultura, visto que são descendentes de escravos e trazem toda uma história de sofrimento dos seus antepassados, o preconceito é uma delas. Assim, percebemos que o contexto sociocultural dessas comunidades é algo que precisa ser conhecido e respeitado.

Embora saibamos que o Brasil é um país miscigenado, na atualidade, ainda existe a ideia de estranhamento com o “diferente”. Mas é evidente que, assim como há “diferentes” povos no país, a língua também possui suas diferenças/peculiaridades. A variação linguística está presente no cotidiano dos sujeitos, nas mais variadas situações de comunicação, no entanto, alguns indivíduos sofrem preconceito por não dominarem a língua padrão.

No estudo feito na Comunidade Quilombola Contendas, foi possível perceber uma realidade linguística bastante peculiar, no que se refere as situações reais de uso da língua. A língua utilizada é a mesma Língua Portuguesa, mas o que predomina é a norma não padrão e traços da língua popular brasileira. No mais, com base nos dados coletados em Contendas,

percebeu-se que ainda é perceptível a influência da linguagem dessa comunidade, pois boa parte dos moradores possuem idade acima de 50 (cinquenta) anos e estão acostumados com o modo de vida deles, por isso, a fala utilizada tem relação direta com o dialeto de origem.

Por fim, importa ainda que ressaltemos a importância das reflexões dessa pesquisa, pois são assuntos oportunos para desencadear meios de pensar sobre a variação linguística no contexto sociocultural dos falantes da Língua Portuguesa, bem como perceber as relações estabelecidas entre língua e sociedade, visto que, as narrativas orais além de serem símbolo de resistência, contribuem de forma significativa para a variação linguística. Por isso, deu-se a relevância de discutir esse tema, pois foi possível compreender as relações entre o ensino de Língua Portuguesa e as variações linguísticas na Comunidade Quilombola de Contendas.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Irandé. **Aula de português: encontro e Interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- BAGNO, M. **A língua de Eulália: novela sociolinguística**. 15 ed. São Paulo: Contexto, 2006.
- BAGNO, M. **Gramática pedagógica do português brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.
- BAGNO, M. **Não é errado falar assim! Em defesa do português brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- BAGNO, M. **Preconceito linguístico**. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.
- CUNHA, Euclides. **Os Sertões**. São Paulo. Companhia das letras. 1973.
- IBGE - **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Censo. 2019.
- FUNDAÇÃO CULTURAL PALAMARES. www.gov.br/palmares/pt-br acesso em: 30 de outubro de 2023.
- LABOV, W. **Padrões Sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola Editorial. 2006.
- MOLLICA, C. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In: MOLLICA, Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Orgs.). **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2021.
- ROSA, João Guimarães. **Grande sertão Veredas**. 19 ed. Rio de Janeiro. Nova Fronteira. 2001.
- SAUSSURE, F. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Cultrix, 1995 [1916].
- TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática**. 14. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

APÊNDICES
ROTEIRO DE ENTREVISTA

Perfil:

Nome:

Idade:

Sexo:

Local de nascimento:

Escolaridade:

Perguntas norteadoras:

Você se autodeclara remanescente de quilombola?

Fale sobre sua história de vida?

O que é quilombo?

Você repassa a história do seu povo para os seus filhos? Como?

Você frequentou alguma escola? Se sim, a escola é na comunidade? A escola valoriza sua cultura?

Você sofre preconceito? Em caso afirmativo, qual?

Você sofre ou já sofreu preconceito linguístico?

Você considera importante preservar a cultura da comunidade? Em caso afirmativo, como você contribui para isso?

Quais as tradições preservadas até hoje?

Alguma atividade cultural é desenvolvida na comunidade?

JULIANA NUNES DOS SANTOS - 82 ANOS

Eu nasci e me criei aqui e aqui é de viver até quando Deus quiser, nunca quis sair daqui não, nem saio.

Já pelezaram pra mudar o nome de Contendas mas ela nunca aceitou, porque o povo mais véi diz q contendas era briga mas ela não mudou, queriam mudar pra socorro mas ela não quis não.

Bibia fazia muita renda, a frente das camisa dela era aberta com renda, renda de fi de algodão. As Contendas já tem muitos anos porque quando bibia vei fugida dos escravos ela ficou na timbaúba e depois vei p cá

Nasci no dia 8 de abril de 1941, aqui tinha muita gente muita aligria, nas festas o povo passava a noite todinha dançando até o dia amanhecer

Eu estudei até a 4ª série, a minha fia eu estudei com muita gente, estudei com umas pouca de professora, tinha Maria Fernandes, teve outra professora que mandou me chamar aí eu cheguei lá ela me perguntou se eu num queria estudar com ela, mas eu já sabia ler mais do que ela. Teve também Dona Ducarmo, ela foi professora muito boa, tinha Nenzinha, estudei muito com ela também.

Eu estudei com ti João ele era muito sabido, meus professor tudo era bom, tudo. Os que eu estudei com eles, graças a Deus.

As festas daqui era no mês de maio, as novenas de maio rezava o mês todim, quando chegava no derradeiro dia era tudo querendo q acabasse logo pra ir pro grupo, passava a noite todinha até o dia amanhecer, e num tinha quem ouvisse novela (confusão)

Bibia quando era viva, a dona, fundadora daqui, quando o sol ia se pôr ela entrava dentro dessa capela, ela se sentava lá no canto da parede só saía quando rezava, as novenas de São João, São José, Nossa Senhora do Perpetuo Socorro, aqui não se passava noite sem rezar não, mês sem rezar não.

Eu comecei a trabaiá com 12 ano de idade, meu pai não podia me dar, não tinha condição de me dar meu material de estudar, eu trabaiava um dia num canto, trabaiava um dia no meu roçado, que ainda hoje trabalho no meu roçado.

Mas eu estudei, poco mas estudei, aprendi a ler e escrever aqui, nessa escola daqui. Nós comemorava o dia 7 de setembro. Nesse tempo, era tudo comprado, o material da escola era comprado o lápis, a tinta, tinterim, caneta, carta de abc, cartilha, primeiro, segundo livro, terceiro o quarto aí no quinto pai me deu aí eu não estudei, Pai foi pra patos e comprou um livro pra mim lá, ainda me lembro o nome era exames de admissão. Aí deixei de estudar fui trabaiá, eu e Dadinha, nós passava o dia todim no serrote com a lata na cabeça butando água p pai véi proverizar o aigudão, sabe quanto nós ganhava mile e quinhento, uma pratinha de 10 e uma de 5.

As veis nós usava caçuá pra carregar as coisas, nós carregava água de beber nas cabaça. Aqui tem uma cacimba, Bibia pidia pra não negar água a ninguém, ela dizia q tinha 3 veia de água, uma dela, uma de nossa senhora e uma do povo, o povo tirava muita agua, carregava nos galão.

No tempo da emergência, acho que foi em 83, foi muito difícil nós ia buscar a fêra no juremal, na cabeça mais, foi um tempo muito difícil, nesse tempo nós era cassaca (trabalhadora) de Salete, eu cavava barro pras outras carregar nas carroças...Trabaiava no roçado, as veis apanhava algodão, feijão pros outros la atrás desse serrote, nós fazia careta pro sol, pro sol descer pra nós ir simhora. É... eu já trabalhei muito e trabalho ainda e tenho fé em deus q

ainda vou trabalhar muito. Eu trabalhava na ponta dessa serra apanhando algodão, ia pesar quando apanhava 15 quilo vixe maria era coisa demais. As veis nós usava caçua pra carregar as coisas, nós carregava água de beber nas cabaça

É perdidin tere preconceito, porque negro é negro, eu nunca sube de ninguém com preconceito com eu não, se teve eu nunca subi, graças a Deus, as veis eu digo mais menina eu sou preta e eu ser tão querida, graças a Jesus.

MARIA LENEIDE NUNES DE SOUSA – 59 ANOS

Eu nasci nas Contena, dia 11 do 07 de 1964, moro aqui desde q nasci e num quero sair não.

Comecei a estudar eu tinha 6 anos estudei até a quarta série, os meus professores era tudo bom, era da famia ainda, tinha Maria Leonor Nunes, João Nunes q é ti João estudava na escola daqui mesmo, já funcionava e tinha muito aluno, nós comemorava tudo, dia das crianças, dia dos pais, dia do índio.

Eu trabalhava também, desde nova. Eu apanhava fruta butava pra secar pra vender pra ganhar o dinheiro. Nós ia pras oiticica, mas aí com 10 anos aprendi a fazer rede e é oq faço até hoje.

Ah, aqui tinha festa, ainda tem, mas hoje em dia é mais poca gente na comunidade, mas o povo de fora vem, aqui tinha argolinha, o mês de maio q é a festa da igreja era tradicional mermo.

Eu acho importante manter a história do nosso povo, dos q já passou também, é bom pra nós e pra comunidade, eu sempre zelo da igreja q é muito importante pra nós.

Eu num intendo o que é isso... não até hoje não, mas no dia que eu souber não entra nem no meu terreiro... Também não, mas tem palavra que eu gosto de falar e não sei o que é, é “oxen” e “arrilá”, não sei o que é, mas eu falo direto.

FRANCIMAR NUNES – 55 anos

Eu nasci aqui no dia 22 do 06 de 1968 pegado por parteira

Meu pai é Francisco Vieira da Rocha. Só que o meu pai é descendente de índio. Sou descendente de escravo por parte da minha mãe.

Olha, eu trabalhei na agricultura desde novo, criança de sete, dez anos já vivia na agricultura já. E passei esses 17 anos fora e de lá pra cá ainda vivo na agricultura.

O casal que fundou a comunidade eles saíram de uma senzala aí que era Timbaúba dos Soares, onde, segundo informações que eu peguei, que lá ela era escrava que nem chamavam,

mãe de leite. Ela servia para alimentar os filhos dos fazendeiros aqui. Lá ela era cozinheira na casa desse pessoal. E diz que ela fundou este lugar aqui através desse pessoal lá que deram a ela este lugar aqui; pra ela vir morar aqui. E hoje a gente continua aqui nesta comunidade.

Olha, eu trabalhei na agricultura desde novo, criança de sete, dez anos já vivia na agricultura já. E passei esses 17 anos fora e de lá pra cá ainda vivo na agricultura.

A gente sempre comemorava muita festa aqui. Festa de igreja; festa da padroeira... a gente sempre comemoremo isso, porque? Porque foi a única diversão que fico na comunidade depois que a nossa bisavó faleceu, foi essa igreja pra gente se divertir. Aí a gente fazia no mês de maio, o pessoal passava o mês todinho rezano novena a noite. Aí sempre depois da novena tinha forró, tinha baile pro povo dançá. E tinha aquela diversão, o povo saía, acompanhamento, tudo. Isso tudo era com muita gente, né? e tudo era diversão pro povo, pro lugá.

O que eu me recordo é que Contenas era uma comunidade bonita, cheia de alegria, coisa que a gente vivia com muita gente, a gente sentava na calçada pra bater papo.

A comunidade é reconhecida, pelo governo federal. A gente tem um alto reconhecimento adquirido pela fundação Palmares, e é legal a associação, em Cartório; ela é legalizada em tudo, a comunidade.

era um grupo escolar só que era estadual. Com o tempo, agora depois de uns 12 ano, 15 ano passou a ser municipal, mas ele era estadual esse colégio. Aí foi tanto que reformaro ele e foi perdido a estrutura dele, porque não fizeram ele mais do jeito ele que era.

Eu cheguei a morar nesse grupo. Cheguei a morar. Foi. Minha mãe morou lá muito tempo nesse grupo. Porque mãe não tinha casa. Mãe num teve marido. Teve cinco filhos. Ela não tinha condição de construir uma casa. A gente era pequeno, nem condição de fazer uma casa de taipa tinha. Que era tudo pequeno. Depois que saimo desse grupo, mãe finalmente foi ter sua casa

Olha, a gente aqui em Contenas a gente moremo em várias casa. Primeira casa que a gente moremo era casa de taipa, casa de barro que nem chamam. Segundo a gente moremo muito tempo num colégio que a gente chamava de grupo; que tinha uma casa dentro do grupo e moremo muito tempo lá. Depois passemos a morá numa casa de tijolo que era uma casa do meu avô. E hoje a gente tem a casa aí que ela comprô e onde ela mora hoje.

Uma casa pequena, de barro, boa da gente morá, porque casa de barro é boa pra gente morá, e é friinha. A lembrança dessa casa não é muito porque eu era criança, mas era bom, a gente era feliz.

Olha, a agricultura aqui, hoje, mesmo, é mais feijão e milho. Mas antigamente era algodão, é cana de... pa fazê rapadura, é... plantava muito arroz, porque na época chovia muito, a gente plantava muito arroz, e na época passava o inverno e a gente plantava muita vazante, mas era bom nesta época. Hoje mesmo a gente só planta essas coisas porque os inverno num tem condição da gente prantá muita coisa porque o inverno não dá mais.

Sim, era um grupo escolar; só que era estadual. Com o tempo, agora depois de uns 12 ano, 15 ano passou a ser municipal, mas ele era estadual esse colégio. Aí foi tanto que reformaro ele e foi perdido a estrutura dele, porque não fizero ele mais do jeito ele que era.

Ah, lembrança boa. Boa porque a gente tinha muita gente na comunidade, a gente se divertia muito; e isso foi diminuindo, o pessoal foro saindo, indo embora, e a gente fumo ficando mais véio, e aí acabou-se mais a alegria, mas era bom na época.

Quantas pessoas tinham no período da sua infância? Você disse que tinha bastante gente?

Francimar: Muita gente, muita, muita mesmo. Eu acredito que chegava a umas 500 pessoas. Entre adulto e criança eu acredito que chegava a 500 pessoas a comunidade.

o povo as veis diz que eu falo errado, mas eu falo do jeito que eu sei, e num tenho vergonha não

Sofri, não; ainda sofro ainda. Só em dizê “os nego das contenda” pra mim já é preconceito, porque todos nós tem um nome. Todos nós tem um nome, e hoje ainda terá gente que chama: “os nego das contenda, os negos lá das contenda, as neguinha das contenda”. Isso aí pra mim é um preconceito porque todos nego que tem na comunidade, todos tem um nome. Todos foro registado. E eles num foro registado como nego. Num é eu que num querendo sê nego, porque eu tenho o maió orgulho de sê nego, mas a gente tem o nosso nome. Nós tem a nossa identidade. Quer dizer que eu acho que isso aí é um preconceito.

Olha, é um nome bem conhecido, mas eu tenho pra mim que não é bom não, esse nome. Eu não entendo disso, mas eu acho que não é bom não, esse nome dizem que na fundação de Contendas, teve confronto entre índios e negros e por isso formaro o nome de Contendas.

Eu alcancei o toque de berimbau, eu alcancei toque de reco-reco, alcancei luta de rasteira que eles usavam aqui; isso tudo eu alcancei, mas hoje não existe, não pratica mais isso. berimbau, o berimbau que eles usam muito na capoeira, tinha mais uns que nem uma rabeça, sei lá que instrumento que era aquele. Umas coisas que eles mesmo que fazia.

A primeira mudança que eu vi na comunidade foi de diminuir as famílias. Vamo dizê, quando... aí teve mudança pra começá a acontecê algumas coisa na comunidade; chegá alguma ajuda na comunidade. Só que quando essas ajuda chegaram o pessoal já tava se

debandando da comunidade e indo percurá melhora fora. Aí chegou. Tem mudança, na comunidade, mas tem muita mudança de coisa ruim, porque, vamos dizê, a comunidade hoje era pra sê uma comunidade grande e se torna uma comunidade pequena porque, num tem, vamu dizê, fonte de renda; aí o pessoal tem que sair fora pra trabalhar e finda indo embora da comunidade. Teve essa mudança, sim.

Se ela continuar do jeito que ela está indo, não vai existir mais comunidade, porque o povo vai embora. O povo mais velho estão morrendo e os mais novos não se seguram naquela comunidade sem ter um... não existe um ganho pra gente, não existe uma fonte de renda pra pessoa trabalhar na própria comunidade e ninguém não fica mesmo. Vão se debandando todo mundo e acaba que vira um deserto. O que eu vejo é isso, se não tomar as providências.

Olha, é, uma história de família que tenho na minha lembrança era a de João Nuno. Ele era poeta, e gostava muito de fazer verso, e gostava de contar as lorotas dele. E ele sempre falava, e gostava de butá apelido nas coisa, ele sabia tudo da comunidade, sabia o que era a vida do quilombo, sabia tudo. E ele deixou isso tudo iscrivido... Ele deixava muita marca em pé de árvore; ele fazia aqueles nomes em pé de árvore, mas só que quando a pessoa faz um nome no pé duma árvore, vamo dizê, é perdido, porque com o tempo se perde aquele nome. Ele fazia muito, escrevia muito.

Tenho um sonho de não deixar Contendas se acabar. É que eu vejo aqui na região muitas comunidades não que seja quilombola, mas comunidades que se acabaram e viraram deserto. E eu tenho um sonho de ver as Contendas ainda pelo menos com uma população maior. Já sonhei muito, já conquistei muita coisa e eu acredito que Deus vai estar do nosso lado pra gente conseguir, pelo menos, segurar, quem já está aqui. Meu sonho é esse.

ANEXOS



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E AGRÁRIAS – CCHA
DEPARTAMENTO DE LETRAS E HUMANIDADES – DLH
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS

TERMO DE CIÊNCIA E RESPONSABILIDADE

Eu, KEILA LAIRINY CÂMARA XAVIER professor (a) do Curso de Licenciatura Plena Letras do *Campus IV* Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), me comprometo a orientar o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), do(a) aluno (a) JUSSARA NUNES DE SOUSA, sob o título A VARIACÃO LINGUÍSTICA: UM ESTUDO NA COMUNIDADE REMANESCENTE QUILOMBOLA DE CONTENDAS EM SÃO BENTO NO SERTÃO PARAIBANO, CONCORDO com este Termo de Ciência e Responsabilidade, declarando conhecimento sobre meus compromissos abaixo listados:

1. Estou ciente de que a pesquisa e a escrita do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) deve necessário e obrigatoriamente ser acompanhadas por mim;
2. Estou ciente de que o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) deverá versar, necessariamente, sobre a área e linhas de pesquisa deste curso de graduação;
3. Estou ciente de que deverei autorizar o meu orientando para submeter o trabalho à avaliação da banca examinadora nos prazos estabelecidos.
4. Estou ciente de que deverei acompanhar as correções do trabalho de Conclusão de Curso após as sugestões apontadas pela banca examinadora.
5. Estou ciente de que o não cumprimento das normas estabelecidas poderá acarretar na reprovação do aluno na disciplina Trabalho de Conclusão de Curso II.

Catolé do Rocha, 28 de Novembro de 2023.

Keila Lairiny Câmara Xavier.

Professor (a) orientador (a)



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA - UEPB
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E AGRÁRIAS - CCHA
DEPARTAMENTO DE LETRAS E HUMANIDADES - DLH
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS

TERMO DE CIÊNCIA E RESPONSABILIDADE

Eu, **JUSSARA NUNES DE SOUSA** Matrícula: 191610615, aluno (a) do Curso de Letras-Português, do *Campus IV* Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), orientado (a) pelo (a) Professor (a) **KEILA LAIRINY CÂMARA XAVIER**, durante a realização do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), CONCORDO com este Termo de Ciência e Responsabilidade, declarando conhecimento sobre meus compromissos abaixo listados:

1. Estou ciente de que a **pesquisa e a escrita do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) deve necessário e obrigatoriamente ser acompanhadas pelo meu orientador;**
2. O texto trata-se de **um trabalho autêntico e inédito;**
3. Estou ciente de que o **Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) deverá versar, necessariamente, sobre a área e linhas de pesquisa deste curso de graduação;**
4. Estou ciente de que a existência, em meu **Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), de trechos iguais ou parafrazeados de livros, artigos ou sites da internet, sem referência da fonte, configura prática considerada plágio, podendo me levar a responder processo criminal por violação de direitos autorais e a estar automaticamente reprovado na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso II, caso não haja tempo hábil para elaborar outro trabalho de minha autoria;**
5. Estou ciente de que a **correção gramatical, a formatação e a adequação do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) às normas utilizadas pela UEPB, de acordo com a Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), são de minha inteira responsabilidade, cabendo ao orientador apenas a identificação e a orientação quanto a problemas no texto, mas não sua correção ou alteração;**
6. Estou ciente de que a versão final do meu **Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) deverá ser entregue aos examinadores, somente após autorização do meu orientador;**
7. Estou ciente de que a entrega do trabalho final à UEPB só poderá ser feita após as correções apontadas pela banca e com o consentimento do (a) orientador(a). A versão final deve ser entregue em formato PDF, juntamente com um **TERMO DE AUTORIZAÇÃO** para publicação assinado por mim e pelo (a) orientador (a), conforme normas estabelecidas pela universidade.
8. O arquivo deve conter: 1- O TCC finalizado e normalizado de acordo com as orientações estabelecidas nas Normas Brasileiras (NBRs) vigentes da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT). 2- A Digitalização da folha de avaliação/aprovação assinada pela banca examinadora. 3- A Digitalização do Termo de Autorização devidamente preenchido e assinado,

para disponibilização eletrônica de seu trabalho acadêmico para ser inserido no sistema de Bibliotecas da UEPB. O arquivo do TCC em PDF não deverá ultrapassar 30mb (megabytes).

9. Estou ciente de que a versão final do meu **Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)** poderá ser divulgada através de **apresentação de trabalhos em congressos** e da **publicação de artigos** tanto no âmbito acadêmico da UEPB como de outras instituições, sempre com **consentimento do meu orientador**.

10. Estou ciente de que o não cumprimento das normas estabelecidas poderá acarretar na reprovação da disciplina Trabalho e Conclusão de Curso II.

Catolé do Rocha, 28 de Novembro de 2023.

Juliana Nunes de Sousa

Aluno (a)

Juliana Nunes dos Santos
Maria Leneide Nunes de Sousa
FRANCIMARQUES

Colaboradores